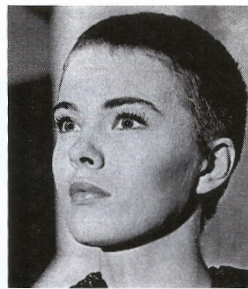


Bravo!

PARA LER, VER E OUVIR ESTA SEMANA



Brecheret, indígena



Seberg, vida trágica



Haicai, made in Brazil

DOCUMENTÁRIO

O chamado de Lygia

LYGIA POR LYGIA

Paulo Markun
11 de novembro
TV Cultura

AINDA JOVEM, Lygia Fagundes (futura Telles) lançava um de seus primeiros livros de contos numa livraria paulistana, quando três escritores homens entraram para desafiá-la, elogiar sua beleza e questionar sua obstinação no ofício, intolerável numa mulher. Entre lágrimas, ela retorquiu: “Essa é minha vocação, que vem de *vocare*, chamado em latim. Portanto, fui chamada não para cantar, dançar, mas para escrever”. Aos 86

anos, a escritora relembra o episódio com a mesma energia da revolta pelo preconceito que nem a serenidade dos anos nem a certeza da escolha certa arrefeceram. Ela descreve sua trajetória de estudante de Direito do Largo São Francisco, “uma das seis virgens entre 200 rapazes”, voluntária de uma legião feminina durante a Segunda Guerra Mundial, funcionária pública, atriz no grupo amador de Alfredo Mesquita e escritora madura do primeiro romance *Ciranda de Pedra* (1954).

São passagens conhecidas da biografia da autora de “não mais de vinte livros” que não chegam a surpreender no especial de 50 minutos que a TV Cultura exibe dia 11, às 22 horas, com reprise no dia 7 de dezembro, às 23 horas,

no canal SescTV. *Lygia por Lygia* integra uma série de perfis de escritores brasileiros que as emissoras produzem em conjunto. Ao depoimento do convidado, acrescenta-se uma dramatização com atores, no caso Eva Wilma e Regina Braga, que se revezam na voz da escritora e sua mãe, Maria do Rosário, “mulher prática e inteligente”, e Luciano Chirulli como o pai Durval, “instável” em razão do trabalho como procurador público. Mas vêm da imortal os casos mais saborosos, como a origem de seu primeiro nome (adotado do romance *Quo Vadis*), e também dolorosos, a exemplo da morte precoce do filho. Ouvi-la, em seu cativante modo de contar, por certo outra vocação, é a melhor contribuição da iniciativa. – ORLANDO MARGARIDO

TEATRO

Flores na ditadura

AS MENINAS

Teatro Eva Herz, São Paulo
Até 13 de dezembro

NO FOLHETO entregue ao público antes de começar o espetáculo, Lygia Fagundes Telles descreve a emoção sentida quando foi informada de que o seu *As Meninas* ganharia os palcos. Ao final da exibição no domingo de estreia, o longo aplauso mostrou que o público se emocionou tanto quanto a escritora. Dirigido por Yara de Novaes, sob a adaptação de Maria Adelaide Amaral, a peça coloca em cena universitárias moradoras de um pensionato e testemunhas das atrocidades da ditadura militar.

O roteiro, bastante fiel à obra publicada em 1973, é sutil, contemporâneo e cercado de questões femininas. Enquanto Lia, estudante de Ciências Sociais, cumpre o papel de revolucionária, a modelo Ana Clara, de infância miserável, envolve-se pesadamente no universo das drogas. Do grupo, Lorena, a mais delicada e prestativa, apaixona-se por um médico casado e lida com as agruras da mãe problemática. As histórias se encontram e despertam na plateia a vontade de (re)ler a obra. – ANA LUÍSA VIEIRA



Vocação. Em *Lygia por Lygia*, a autora narra a própria história

A partir do dia 17, o Sesc Consolação, em São Paulo, resgata os anos de sucesso do Teatro Lira Paulistana com programação de shows e documentários



Com sotaque brasileiro

BOA COMPANHIA - HAICAI

Organização de Rodolfo Witzig Guttilla
Companhia das Letras. 192 págs.,
R\$ 32,50

DE ORIGEM japonesa, a forma poética haikai consiste originalmente de três pequenos versos. Muito difundida em seu país de origem, pouco foi estudada no Brasil, mas não por isso deixou de ser representada por grandes nomes da literatura de língua portuguesa. Adaptado ou seguido à risca, o haikai brasileiro está reunido na compilação *Boa Companhia - Haikai*, organizado por Rodolfo Witzig Guttilla, que há mais de 25 anos estuda o estilo. Inspirados, Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade relatam cenas curtas e bem-humoradas. Monteiro Lobato, o primeiro a aderir ao formato, em 1906, prefere a maneira clássica e faz versos sobre a natureza. Erico Verissimo, Paulo Leminski, Luis Aranha, Millôr Fernandes e outros também estão na reunião. - CA

CALÇADA DA MEMÓRIA | José Geraldo Couto

Bom dia, tragédia

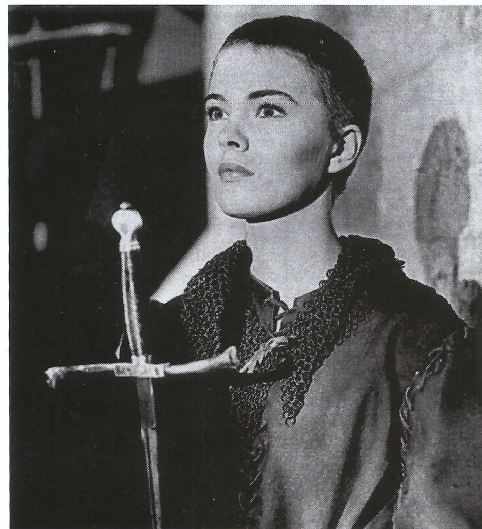
Jean Seberg (1938-1979) dizia que uma atriz tinha, em geral, uns vinte anos de carreira produtiva. Coerente com essa ideia, aos 41 anos de idade e 22 de profissão, acabou ao mesmo tempo com a carreira e a vida. Seu corpo foi encontrado onze dias depois, no banco de trás de seu carro, num subúrbio de Paris. Causa mortis: overdose de barbitúricos.

Quem a viu, radiosa, em *Acosado*, vendendo o *Herald Tribune* pelas ruas de Paris, não poderia imaginar que aquela linda e estovada loirinha americana de cabelos curtos teria uma existência tão tempestuosa.

Otto Preminger pressentiu a vocação trágica da garota quando a escolheu, aos 18 anos, entre 18 mil candidatas, para ser Joana D'Arc em *Santa Joana* (1957). Apesar desse início auspicioso, a maioria dos filmes em que atuou não estava à altura de seu talento.

Muito desse desperdício se deve aos casamentos com cineastas medíocres (François Moreuil, Dennis Berry e o escritor Romain Gary). Restaram poucos pontos luminosos: *Santa Joana*, *Acosado*, *Bom Dia, Tristeza* (de Preminger) e sobretudo *Lilith* (1964), de Robert Rossen, que ela considerava seu melhor papel, o de uma psicótica internada numa clínica para ricos.

O FBI a perseguia por sua ligação com os Black Panthers e a acusou, em 1970, de ter engravidado de um



dos líderes do movimento. Ela exibiu à imprensa a filhinha branca, morta com dois dias de vida e fruto de um *affair* com o ativista universitário Carlos Navarra.

Depois disso, tentou o suicídio várias vezes. Em 1978, jogou-se nos trilhos do metrô de Paris, mas sobreviveu. Teve mais "sorte" no ano seguinte.

Dor. Jean Seberg como a Joana D'Arc de Preminger

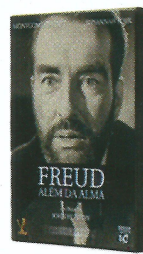
DVDs



Bom Dia, Tristeza (1958)
Jean Seberg é a filha de 17 anos de um rico viúvo parisiense (David Niven) em férias na Riviera. A nova mulher (Deborah Kerr) do pai, moralista e castradora, tenta podar os amores da moça, criando um conflito de resultado imprevisível. Baseado no livro de Françoise Sagan, é o segundo filme de Seberg com Preminger.



Acosado (1960)
Um ladrão de carros fascinado por Humphrey Bogart (Jean-Paul Belmondo) mata um policial e encontra em Paris uma jovem americana (Jean Seberg), com quem planeja fugir. Mas a polícia fecha o cerco. Primeiro filme de Godard e um dos marcos iniciais da Nouvelle Vague, mantém intacto seu frescor e inventividade.



Freud, Além da Alma (1962)
O controverso filme de John Huston, que teve um roteiro encomendado a Sartre e depois rejeitado, narra o início da carreira de Freud (Montgomery Clift), quando ele ainda lutava contra o *establishment* científico para afirmar os princípios básicos da psicanálise. A busca intelectual convertida num drama eletrizante.